

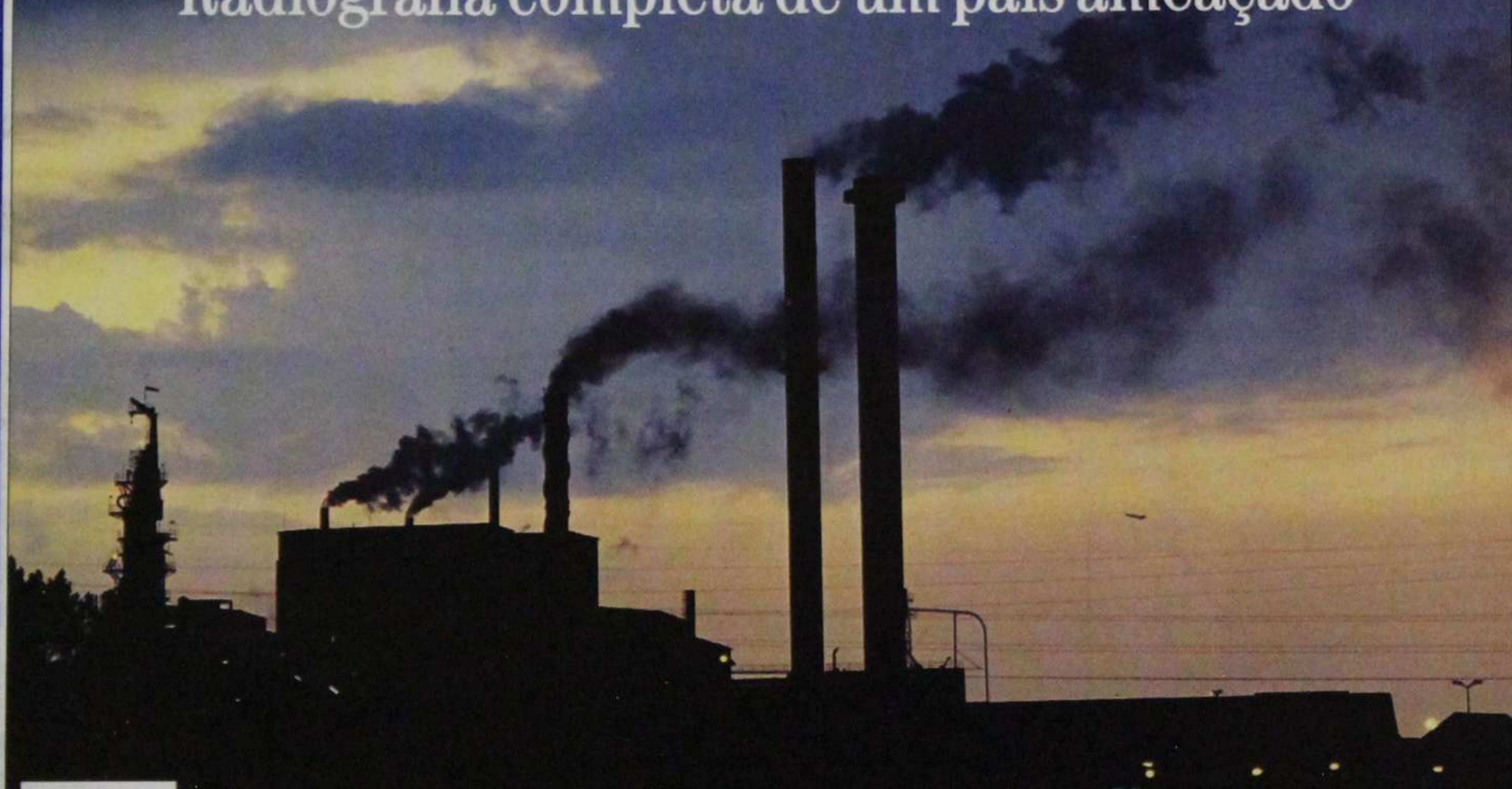
Nº 11 • 3 a 9 de Junho de 1993 • 350\$00

VISÃO

FUTEBOL E POLÍTICA:
JOGADAS PERIGOSAS

AMBIENTE O ESTADO DA NAÇÃO

Radiografia completa de um país ameaçado



**CASO MELANCIA: MASP
FINANCIOU EMÁUDIO**

ACORES390500
MADEIRA370500

CINEMA

Bob Roberts, candidato ao poder



BOB ROBERTS
de Tim Robbins
com Tim Robbins e Giancarlo Esposito
Lisboa: Amoreiras e City Cine

Estes têm sido bons tempos no que toca à estreia de actores na realização. Houve *Little Man Tate* (recuso-me a recordar o título português) de Jodie Foster e agora há este de Tim Robbins. Vi-o pela última vez no *Jogador* de Robert Altman, um brilhante exercício de cinismo auto-referencial (cinema feito em Hollywood arrasa Hollywood). Este é igualmente empolgante, mas muito mais corrosivo.

Apresentado como um documentário, o filme mostra Bob Roberts, em plena campanha de candidatura ao senado da Pensilvânia. Estamos em 1990 e este é um homem «à altura» da década: um verdadeiro animal político, capaz de lidar com os media tão certeira-mente como fala às massas. A matar. A curiosidade está em o candidato ser o verdadeiro avesso de um outro Bob, o Dylan, usando perversamente o seu estilo para objectivos diametralmente opostos. Os seus comícios são feitos à guitarra, com meninas de longos cabelos a fazer coros doces ao lado. Só que os títulos das músicas são *The Times They're Changing Back*, as letras can-

tam as virtudes de malhar nos falhados, improdutos, ou minoritários em geral e, sobretudo, da prosperidade a todo o custo. E o seu aspecto é o mais *clean* possível, a condizer com os apelos anti-droga e a obsessiva prática do desporto que vende até à exaustão. Onde já vimos isto? Exactamente, nas eleições americanas, mas também, cada vez mais, nas europeias. Passaram as eleições, Bill Clinton ganhou (o tal que, por acaso, toca saxofone e tem um aspecto semelhante...), este filme estava comprado para Portugal e não estreou. Curiosidades do mercado português, eternamente apostado em falhar os timings acertados das estreias.

O filme, embora espectacularmente encenado, não prima pela subtilidade. Muitas vezes Bob Roberts aparece como um palhaço criptofascista, o seu assessor é o actor que fazia de mau no *Asalto ao Arranha-Céus*, não enganando ninguém quanto à sua perfídia, e a representação da esquerda é patética, na figura do pobre jornalista negro e deficiente. Mas a realização é magnífica, no logro que impõe a câmara sempre colada às costas dos personagens, como na reportagem, como se fosse real. Na verdade, como a política acabou por se instituir nos tempos modernos. Esses que substituíram a necessidade de ideo-

logias pelo pragmatismo e a ética pelo espectáculo. Agora, que os escândalos, corrupções e outros vulcões começam a avultar com a crise do ideário liberal, é bem possível que esta seja a melhor estratégia para nos pôr a pensar outra vez, sem a ingenuidade da rendição aos tempos que correm. É preciso falar grosso, mesmo correndo o risco de ser grosseiro. É preciso usar a tática quinta-colinista de Bob Roberts, que consiste em usar muito bem as armas do inimigo. E divertir-se muito pelo caminho, que este é um filme que, apesar do pessimismo, tem muitíssima graça.

Teresa Carmo

Sem Escape — Vencer ou Morrer

NOWHERE TO RUN
de Robert Harmon
com Rosana Arquette
e Jean-Claude Van Damme
Lisboa: Alfa, Amoreiras, S. Jorge, Fonte
Nova, Las Vegas, Terminal
Porto: Charlot, Passos Manuel

Sam Gillien (Van Damme) evade-se da prisão e esconde-se no campo. Uma viúva com dois filhos (Rosana Arquette) tem a sua casa nas imediações e recusa-se a vendê-la a um proprietário ganancioso. O lado nobre e cavalheiresco de Sam Gillien desperta ao presenciar as ameaças e retaliações de que a viúva é vítima (ele estava na prisão injustamente, escusado será dizer) e eil-o a defender a carente e desprotegida mulher.

Este é o décimo filme de Van Damme. Até aqui ele tem sido um tipo



que sabe dar pancada e do qual emocionalmente pouco ou nada se espera. A ideia agora é inverter os termos e transformá-lo num herói «psicológico» com longos e profundos olhares a ocuparem o que antes se encontrava maioritariamente preenchido por certos pontapés. E, no entanto, o mínimo que se po-

de dizer é que ele, como actor... é um pé. Quando Van Damme compõe uma pose intensa, torna-se quase cansativo olhá-lo, de tal modo se nota o esforço de nos passar uma ponta de legível emoção. Adivinha-se que terá visto e revisto todos os filmes de Dirty Harry, numa compreensível e desesperada tentativa de se parecer com Eastwood; o resultado é superpatético. A ajudar está a realização, cujo grau de profundidade nos lugares-comuns é difícil de igualar — dos grosseiros efeitos de câmara lenta aos cabelos ao vento com tons de pôr-do-sol de Rosana Arquette. Esta, por sua vez, parece ter des-cido a fasquia da sua interpretação para o nível esforçado de Van Damme.

Em suma: se o maior talento de Jean Claude se encontra nos pés, talvez seja de uma violência absolutamente gratuita fazê-lo desempenhar papéis como este, impedindo-o, no fundo, de se revelar em todo o seu esplendor.

Graça Castanheira

DISCOS

Other Voices, Other Rooms

NANCI GRIFFITH
Elektra, CD 62m 19s

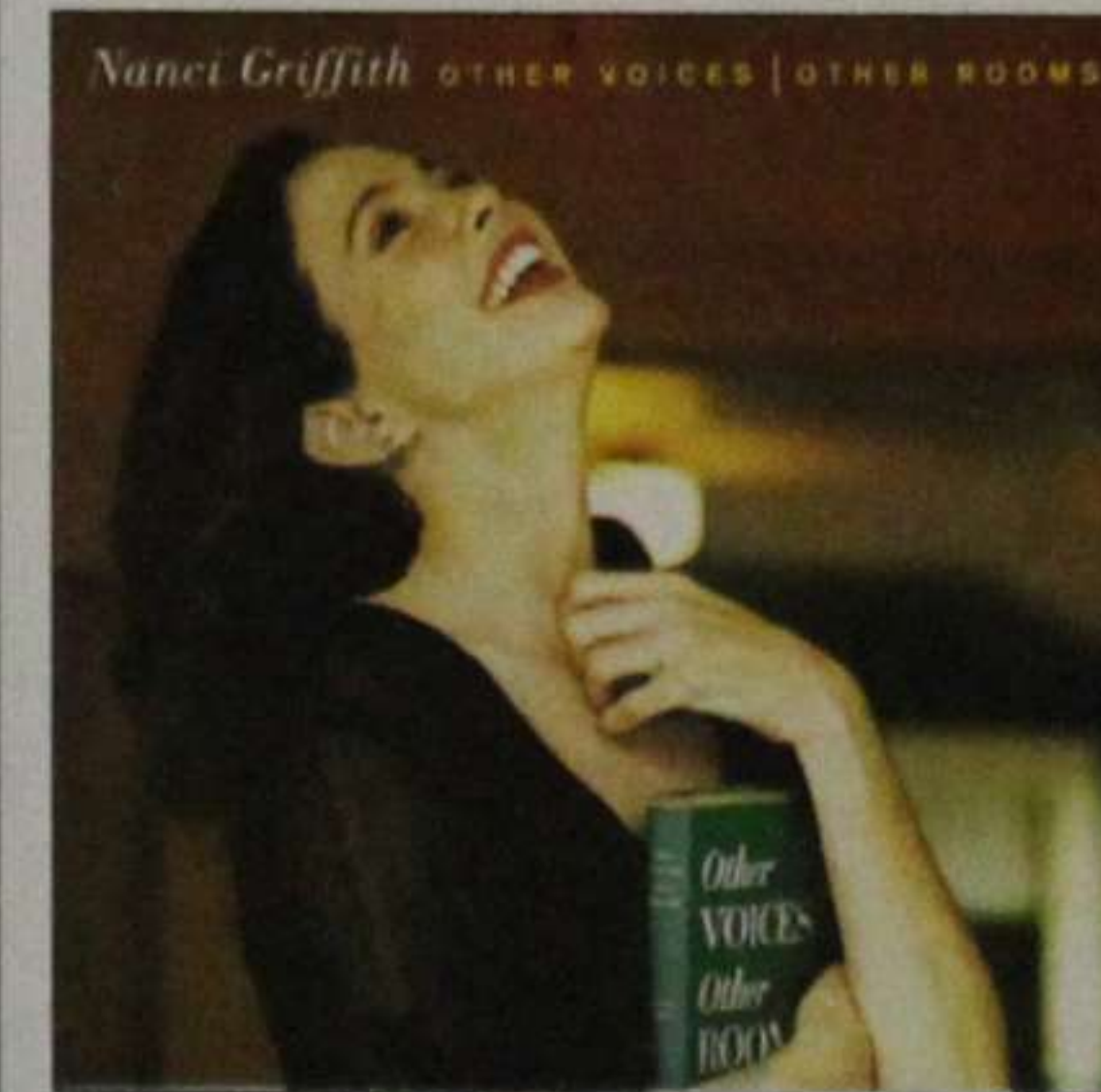
Apaixonei-me por Nanci em 1990, no começo de *Outras Músicas*, programa da TV2, quando a conheci em vídeo. Não é que ela seja bonita, que o é, não é que ela cante bem, que o canta, que as cantigas sejam boas, que o são (a maioria), é que, não sei, é tudo e, principalmente, o seu tipo de voz e tipo de interpretar, a sua fragilidade vocal, muitas vezes bem explorada e ampliada, a sua busca de paternalidade. Parece. Recordo-me Melanie, a Safka, por quem me apaixonei nos anos 70 e por ela furei a fila de fãs à porta do Hall que Carnegie mandou construir em Nova Iorque. Disse-me, entre dois copos de branco horroroso da Califórnia, que a sua avó era de Lagos! Lagos, Algarve!! Entre Melanie e Nanci há a mesma fragilidade (já disse?), ternura apelativa.

Nanci é pura e simplesmente uma intérprete, ou seja, não é compositora nem letrista de nenhuma das 17 cantigas que neste compacto publica. São músicas e letras de gente como Kate Wolf, Vince Bell, Townes Van Zandt, Frank Christian, Bob Dylan, John Prine, Ralph McTell, Tom Paxton, Woody

Guthrie, Janis Ian e Jon Vezner, Buddy Mondlock, Gordon Lightfoot, Jeff Walker, Michael Burton, G. D. Cook e Ralph Roland, Malvina Reynolds, Harry Belafonte e Allen Greene e mais um tema famoso da música tradicional sul-africana. Gente boa, muita dela, fora a multidão que ficou de fora, que não cabe numa hora de música e batida (tempos médios de preferência), fora outras vozes, outros quartos, assim se chamou a primeira novela de Truman Capote publicada em 1948 e que Nanci abraça na capa.

Nanci como intérprete é autora, cantou, está cantado, ficou cantado. Nanci Style e ter estilo é o mais difícil na vida. É ser assustadoramente simples, o que — sabe-se — é muito complicado, é cantar *Speed of the Sound of Loneliness* de e com John Prine, melodia fácil, estrutura conhecida, banalidade espantosa, vulgaridade que impressiona, como os blues, que solta a meia lágrima, humedece as pupilas sempre que ela diz: «...when you're feelin'» Small! Oigam!

É destas coisas e assim que eu gosto. Coisas que me entristecem, coisas que me comovem, me arpejam e me fazem feliz de triste. Depois nunca penso ne-



las, deixo os ouvidos, via orelhas, abertos. E o milagre está em que todas as vezes acontece o mesmo, o mesmo incómodo, a mesma êxtase, a mesma paixão. A menina Griffith!...

Mantém-se neste disco a secção rítmica com Pete Kennedy e Philip Donnelly em guitarras, James Hooker em piano e Fran Breen e Pat McInerney em percussão, secção discreta, exemplar. Nanci, regra geral, divide a vocalização com outros amigos, o que lhe dá oportunidade de marcar pontos em cada round e modificar subtilmente a sonoridade vocal. Bela Fleck também entra e Emmylou Harris também. Mas Nanci e Emmylou são de mais para uma VISÃO!...

José Duarte

LIVROS

O Clube da Sorte e da Alegria

AMY TAN
ed. Publicações Dom Quixote, 1993,
304 págs. 2980\$00



Tchuang-Tse dizia que «a pureza extrema é não estranhar nada». E hoje já só os crédulos ainda estranham o que quer que seja. Mesmo na literatura. O *melting pot* cultural, cada vez mais visível em países como a

Inglaterra ou os Estados Unidos, têm fomentado escritores enleados numa série de referências. Amy Tan é um dos exemplos dessa lua-de-mel, nem sempre agradável, entre as raízes do passado e o mundo sem fronteiras do presente. Filha de pais de origem chinesa, Amy Tan já nasceu nos EUA, e este *Clube da Sorte e da Alegria* é o seu primeiro livro. É um livro que tem todas as condições para ser um elixir para aqueles que vislumbram na China o Império dos Mistérios. É claro que é uma obra onde o princípio feminino (o Yin) está sempre presente: À mesa do mah jong, jogam-se ideais de quatro mulheres, presas da necessidade de fazer com que o passado seja o seu elo mais forte de ligação. O confronto entre as gerações que vieram da China em busca do «american way of life» e aquelas que já nasceram no seu seio, são afloradas com sorriso enigmático de um oriental. Nada é perceptível, tudo está nas entrelinhas. Os homens são apenas para aqui chamados como personagens secundárias. É um livro feito de ritos («senta-te aqui, este era o lugar da tua mãe») e de disciplina. Não é, ainda, o grande livro que o Oriente necessita para se tornar um pouco mais transparente, mas é uma brisa de encantamento. Promete mais do que oferece, mas Amy Tan sabe resguardar-se (como descendente de orientais) na sempre difícil prova de força da escrita. Mas deixa-nos um pouco descrentes: o Oriente ainda não descobriu o seu V. S. Naipaul.

Fernando Sobral